



Isenção ou omissão: temas/espços destinados ao jornalismo opinativo nos veículos de comunicação do interior¹

Gabriele WELTER²

Ricardo PAVAN³

Universidade do Oeste de Santa Catarina, São Miguel do Oeste, SC

Resumo

A descentralização dos meios de comunicação para o interior do país não significou, em uma primeira observação, a democratização da informação, mas sim, em grande medida, a mera reprodução do discurso oficial em suas diferentes esferas. Tal condição acaba deixando em segundo plano o destaque para a divulgação de opiniões providas de editores, articulistas, colunistas, comentaristas e até mesmo dos receptores da informação – leitores/ouvintes –, gerando assim um certo ‘oficialismo’ na produção jornalística regionalizada. O estudo analisa qual o espaço destinado ao jornalismo opinativo nos veículos de comunicação do município de São Miguel do Oeste – SC, bem como os temas que são abordados com maior frequência, com ênfase ao aspecto oficial que norteia a linha editorial dos jornais impressos e as empresas radiofônicas.

Palavras-chave

Jornalismo Opinativo; Opinião e Oficialismo; Espaço Opinativo.

1 Raízes do jornalismo opinativo/isenção/omissão

O jornalismo tem suas raízes na forma opinativa. Os veículos eram menos informativos e muito mais opinativos e tendenciosos tendo por objetivo principal convencer e não apenas informar. Tal situação pode ser percebida tanto na Europa, durante o panfletismo ideológico, quanto na América, onde segundo Cremilda Medina (1988) as notícias eram dimensionadas a partir da sua importância político-liberal, nessa época não havia qualquer preocupação com o equilíbrio e imparcialidade tanto por parte da imprensa, quanto por parte do consumidor, ambos esperavam do veículo um conteúdo predominantemente opinativo. “Comprava-se (assinava-se) jornal para saborear a versão parcial dos acontecimentos e para se ler as críticas aos adversários, quase sempre pessoais, procedentes ou não, e invariavelmente em termos fortes, quando não afrontosos” (AMARAL, 1996, p. 26).

¹ Trabalho apresentado na Sessão Jornalismo, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do X Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação na Região Sul.

² Acadêmica do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc) Campus de São Miguel do Oeste. E-mail: gabriele_welter@yahoo.com.br

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Universidade do Oeste de Santa Catarina. E-mail: pavanfront@yahoo.com.br.



No Brasil, segundo Ferrareto (2001), até a Segunda Guerra Mundial os gêneros informativo e opinativo sobrepunham-se e confundiam-se. Com a chegada da ditadura Getulista, os veículos de Comunicação eram censurados pelo DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) o que, de acordo com Marques de Melo (1994), fez com que o jornalismo tomasse outra postura “a de uma atividade comprometida com o exercício do poder político, difundindo idéias, combatendo princípios e defendendo pontos de vista” (MELO, 1994, p.21). É a partir dessa época que o jornalismo começa a se firmar no Brasil e sua principal característica passa a ser a expressão de opiniões.

Com o passar do tempo, o que começou a predominar no jornalismo foi o princípio da imparcialidade. Conforme Lustosa (1996), na década de 1950 os jornalistas, com raras exceções, assumiram a pregação da imparcialidade como princípio ético e moral do jornalismo, embora praticassem exatamente o contrário. Autores como Barbeiro e Lima (2003) não acreditam na possibilidade de se alcançar a imparcialidade, pois todo ser humano é dotado de subjetividade.

O jornalismo provoca reações que despertam o espírito crítico na sociedade... A imparcialidade não existe. É utópica. O jornalista tem seu próprio mundo e valores. Toma sempre, de uma forma ou de outra, partido das notícias que divulga ou comenta. Ainda não inventaram um jornalista totalmente imparcial. Ele tem suas preferências políticas, gosta de alguns de seus entrevistados e detesta outros, torce para determinado time de futebol, tem determinada religião ou é ateu etc. A subjetividade faz parte de seu trabalho cotidiano. O jornalista está imerso em determinado contexto social que o influencia decididamente (BARBEIRO E LIMA, 2003, p. 13).

O conceito de isenção gera muita polêmica entre diversos autores. Maria Elisa Porchat (2004) diz que somente a isenção é que leva à verdade, o que acaba por beneficiar a sociedade. Para a autora, o jornalista só exerce sua função de mediador social quando é isento. Já Ricardo Noblat (2003), acredita que não existe verdade absoluta. Segundo ele dois repórteres podem narrar um mesmo acontecimento de forma diferente, mas se forem bons repórteres não divergirão no essencial. Luiz Costa Pereira Junior (2006) diz que não é pecado ético do jornalista publicar suas opiniões, a transgressão está em não identificar essa opinião como sendo pessoal, assumindo uma suposta neutralidade, opinião e informação devem estar devidamente separadas e identificadas.

Mas nada pode ser tão perigoso quanto a omissão dentro do espaço jornalístico. Segundo Luiz Amaral (1996), a omissão distorce um fato e faz com que as pessoas gravem em sua mente aquilo que foi divulgado, sendo difícil mudar este conceito

posteriormente. Ainda segundo o autor, os principais motivos da existência da omissão estão relacionados ao preconceito, a pressa, os interesses materiais, o espaço e o tempo.

2 Os textos opinativos

A sociedade cresceu e se modernizou, conseqüentemente o jornalismo também teve que se adaptar a essa evolução. Os meios de comunicação foram obrigados basicamente a separar jornalismo opinativo de jornalismo informativo, cada veículo passa a organizar suas páginas/programação conforme sua linha editorial. Para Marques de Melo (1987), as opiniões emitidas pelos meios de comunicação emergem de quatro grupos: empresa, jornalista, colaborador e leitor.

A opinião da empresa aparece oficialmente no editorial, a opinião do jornalista apresenta-se sob a forma de comentário, resenha, coluna, crônica, caricatura e, em algumas situações, de artigo. O colaborador é geralmente, alguma personalidade representativa que busca espaços jornalísticos a fim de participar da vida política e cultural da sociedade, ele expressa sua opinião por meio de artigos. Já a opinião do leitor encontra expressão permanente nos veículos impressos através da carta, telefone ou via internet.

O editorial, popularmente conhecido como a opinião do veículo, tem como peculiaridade o fato de não ser assinado, de acordo com o *Manual de Redação* da Folha de São Paulo, o editorial deve ser, ao mesmo tempo, equilibrado e enfático, evitando o sarcasmo a interrogação e a exclamação. É nesse espaço que devem ser desenvolvidos os argumentos defendidos pelo jornal, refutando opiniões contrárias e como conclusão o veículo deve sintetizar a opinião por ele adotada. Para Marques de Melo (2005), o editorial deve trazer a opinião do veículo sobre os fatos de maior repercussão no momento.

O artigo possui natureza abstrata, misturando fatos e idéias e tem como principal característica a argumentação, o que o torna um gênero restrito ao meio impresso. No rádio e na televisão ele geralmente é ‘substituído’ pela entrevista. Não é raro, segundo Marques de Melo, que um artigo publicado seja pauta para uma entrevista no rádio e na TV. “Trata-se de uma matéria jornalística onde alguém (jornalista ou não) desenvolve uma idéia e apresenta sua opinião” (MARQUES DE MELO, 2003, p. 121). O autor desenvolve a idéia seguindo uma linha de pensamento própria, o artigo é marcado pela personalidade e deve, portanto, ser assinado.



As notícias chegam cada vez mais rápido ao cidadão, este por sua vez, tem cada vez menos tempo para se dedicar a elas. O comentário veio para suprir essa necessidade cada vez mais instantânea que o leitor/ouvinte tem de obter não somente informações sobre o que está acontecendo, mas permitir um posicionamento em torno dos fatos. “O comentário surgiu como uma tentativa de quebrar o monopólio opinativo do editorial” (MARQUES DE MELO, 2003, p. 113). Ele deve ter ligação direta com fatos que estão repercutindo no momento, analisando seu desenrolar e opinando sobre possíveis soluções.

A necessidade de instantaneidade de informação e opinião pode ser percebida também na influência que a opinião ilustrada exerce sobre as pessoas através de charges, caricaturas e cartuns. Rabaça (2001), afirma que a opinião ilustrada, pela sua síntese, pode ter maior peso que o próprio editorial. Isso deve-se a falta de tempo da maioria dos leitores, o desenho chama mais atenção do que a escrita seja pelo seu rápido entendimento ou pela comicidade geralmente existente neste tipo de opinião.

A crônica, segundo Luiz Artur Ferrareto (2001), está situada como um meio termo entre jornalismo e literatura, ela transita entre a realidade, a informação atual e um estilo de narração mais literário, mais poético. Nela são discutidos fatos atuais, mas sempre mantendo uma ligação com fatos que já aconteceram, seu objetivo principal é aguçar a imaginação do leitor e levantar discussões de modo mais sutil que aquelas encontradas em outros espaços. Seu aspecto contemporâneo faz com que, segundo Marques de Melo (1994), ela seja identificada como um gênero característico do Brasil. Isso se justifica pelo fato de não haver em nenhum outro país, produção equivalente à brasileira. “Alguns correspondentes internacionais de emissoras brasileiras usam esta técnica para transmitir ao ouvinte não só uma informação, mas sim uma impressão sobre o dia-a-dia de outros países” (FERRARETO, 2001, p.283).

A coluna, de acordo com Rabaça (2001), é uma seção especializada de jornal ou revista que é redigida de maneira mais livre e pessoal do que o noticiário comum, publicada com regularidade e geralmente assinada. Ela surgiu, segundo Marques de Melo (2003) com a intenção de superar a frieza e a impessoalidade do corpo do jornal, e originando espaços dotados de valor informativo e vigor pessoal. De acordo com Lustosa (1996), as notas das colunas são observações por vezes irônicas e que não correspondem à imparcialidade e impessoalidade exigida pela matéria informativa. Isso acaba criando certo charme, que atrai e seduz o leitor, “O colunista deve procurar redigir um texto leve



com o uso de expressões que o tornem mais rico e agradável. A ironia e o humor são recursos fundamentais do colunismo” (LUSTOSA, 1996, p. 162).

Em uma visão mais geral, a opinião do leitor, segundo Martins (2003), corresponde às cartas enviadas à redação, os artigos que são escritos por colaboradores e não por funcionários do jornal (geralmente personalidades da sociedade civil), e as próprias entrevistas concedidas. Buscando um conceito mais específico, preferimos nos ater ao espaço das cartas dos leitores. “A carta é aquele espaço em certo sentido democrático, ao qual cada um pode recorrer” (MARQUES DE MELO, 2003, p. 175). Segundo o autor, a carta do leitor não significa efetivamente um espaço democrático, pelo fato de haver uma seleção entre o que será divulgado e o que será descartado, as cartas que são enviadas às redações são conferidas, identificadas, avaliadas e selecionadas de acordo com os interesses da empresa, o que significa que nem todas serão publicadas. “Escrever para o jornal, mesmo que não encontre abrigo, representa o último alento de muitos cidadãos que querem dizer alguma coisa aos seus contemporâneos, que querem influir nas decisões dos governantes, que querem participar dos destinos de sua sociedade” (MARQUES DE MELO, 1987, p. 179).

A resenha corresponde a apreciação de produtos culturais e obras-de-arte, que tem por objetivo orientar a ação dos consumidores desse tipo de informação. De acordo com Told Hunt⁴, a resenha tem como funções principais, informar; trazendo conhecimento sobre o que circula no mercado cultural; elevar o nível cultural da população; reformar a identidade comunitária; aconselhar sobre a melhor forma de aplicar os recursos; estimular e ajudar os artistas; definir o que é novidade; servir como documentação histórica além de divertir.

3 O poder do jornalismo

A mídia, tem a função de fazer com que a democracia esteja ao alcance de todos, se um dos três poderes – Executivo, Legislativo e Judiciário – falhar ou cometer algum equívoco, cabe a mídia fazer com que a situação seja revertida. Por isso, segundo Ramonet (2003), ela é conhecida como o quarto poder. As grandes mídias, porém, têm pretensões de domínio idênticas, “estar em toda parte, o tempo todo, para exercer hegemonia” (MORAES, 2001, p. 03). Essa é a lógica da formação de opinião, muitas

⁴ In: MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo Opinativo**: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.



vezes implícita: dominar a informação para que ela seja repassada ao receptor da maneira que convir às empresas de comunicação.

De acordo com Ramonet (2003), os conglomerados de mídia têm como principal interesse triunfar o seu gigantismo, deixando de lado o exercício da democracia promovido pelo ‘quarto poder’. A informação serve apenas para alimentar os interesses das grandes empresas, e não satisfaz mais a necessidade da população. Traquina (2003), afirma que é preciso que os meios de comunicação não se esqueçam de que é sua obrigação dar ao cidadão informação justa e significativa, enquanto os cidadãos devem exigir que isso aconteça.

O cidadão muitas vezes se encontra de mãos atadas, sem ao menos perceber. Os meios de comunicação dominam a distribuição da informação, são eles que decidem quais notícias serão disponibilizadas para o público e de que forma elas serão divulgadas. Por mais que haja concorrência entre os veículos de comunicação, todos eles compartilham da ideologia dominante, portanto a informação chegará com a mesma perspectiva para o público. Este se encontra de mãos atadas perante tal situação: “Ora, o único meio que dispõe o cidadão para verificar se uma informação é verdadeira é confrontar os discursos dos diferentes meios de comunicação. Então se todos afirmam a mesma coisa, não resta mais do que admitir esse discurso único” (RAMONET, 2007 p.45). Mesmo que algo for falso, se toda a mídia apresentar como verdadeiro, dessa mesma forma será recebido pelo público porque ele, muitas vezes, não terá outra opção.

De forma a verificar se a descentralização da mídia para o interior do país significou efetivamente a democratização da informação ou apenas a mera repetição do discurso oficial, chegamos ao nosso objeto de estudo, verificar qual o espaço destinado ao jornalismo opinativo nos veículos de comunicação do município de São Miguel do Oeste (SC) e quais as temáticas mais presentes nesses espaços.

4 Uma aproximação ao objeto empírico

A cidade de São Miguel do Oeste foi escolhida por tratar-se de um pólo regional. Como estamos lidando com um município que é tomado como referência pelos demais municípios do Extremo-oeste catarinense poderemos identificar a realidade midiática regional.

O universo de estudo corresponde aos jornais impressos que são produzidos na cidade migueloestina: jornal Folha do Oeste, Gazeta Catarinense – ambos bissetimais, Jornal Regional e Jornal Imagem – semanais; e as emissoras radiofônicas Rádio Peperi



AM e Rádio 103 FM. O período de análise compreende ao período de 1º de março a 30 de abril de 2008. O método utilizado compreendeu a clipagem da amostra de jornais impressos e gravação da programação jornalística radiofônica, além de entrevistas com os produtores de conteúdo opinativo e representantes dos veículos estudados.

O período de análise previamente definido justifica-se pelo fato de nesse espaço de tempo não haver qualquer evento de grande porte em nível regional ou estadual que viesse a desviar a atenção dos veículos de comunicação. Outro fator, e talvez o mais relevante, é a relativa distância com o período eleitoral⁵, onde todos os holofotes seriam direcionados para partidos e seus candidatos, já que nesses períodos enfatizam-se as disputas políticas.

Durante o período de estudo, quantificamos aproximadamente o espaço destinado ao jornalismo opinativo em cada veículo de comunicação. Para os jornais impressos utilizamos o número de páginas e nos meios radiofônicos as horas/minutos de programação.

Veículo	Espaço opinativo (páginas em formato tablóide)	Total de páginas-semana/horas diárias de programação
Jornal Regional	2 páginas	12 páginas
Jornal Gazeta Catarinense	3 páginas (Sexta-feira) ½ página (Quarta-feira)	20 páginas (Sexta-feira) 16 páginas (Quarta-feira)
Jornal Folha do Oeste ⁶	1 página	16 páginas
Jornal Imagem	½ página	16 páginas
Sistema103	3 minutos em média (Comentário do Dia)	13 horas e 30min ⁷
Rede Peperi	Não tem espaço específico destinado ao jornalismo opinativo.	19 horas

O que pode ser claramente percebido nos veículos de comunicação de São Miguel do Oeste, é o predomínio do oficialismo nas informações jornalísticas. Os jornais e as emissoras, mesmo algumas vezes não admitindo tal situação, trazem em grande parte de suas páginas/programação somente fontes oficiais.

⁵ Eleições municipais 2008.

⁶ O jornal Folha do Oeste destina espaço ao jornalismo opinativo apenas na edição do sábado.

⁷ Este horário corresponde ao espaço que tem locutores comandando a programação, no restante a programação é feita através do computador, assim a rádio fica 24 horas no ar.



Os próprios editores dos veículos de comunicação admitem a preferência por fontes oficiais. Márcia Daniel, editora do Folha do Oeste, diz que o veículo prioriza fontes oficiais por elas serem destinadas para tal finalidade, são elas que possuem as informações mais importantes, ela ressalta que o jornal não renega nenhuma fonte, mas que a fonte oficial é sempre consultada. Ageu Vieira - chefe de jornalismo da Rede Peperi, assim como Edson Fuhrm - editor do jornal Gazeta Catarinense e Inácio Rohden – editor de jornalismo do Sistema 103 de rádios, partilham do mesmo posicionamento de Márcia, e afirmam que as fontes oficiais oferecem maior credibilidade. Essa utilização de fontes oficiais é, segundo Rogério Christofolletti (2007), um problema histórico na imprensa catarinense, e muitas vezes é sintoma de um fator que também pode ser percebido nos veículos de comunicação de São Miguel do Oeste, a proliferação das assessorias de imprensa.

Conforme Juliana Colussi Ribeiro (2004), o jornal de interior tem por característica, relações estreitas com o município, o que acaba refletindo as disputas, as lideranças e as paixões políticas. Para a autora isso não significa que o jornal está necessariamente servindo ao poder público, ela acredita que a idéia de que a imprensa local depende do faturamento da prefeitura tem outra conotação.

Quanto à dependência da prefeitura, alega-se que o órgão seria como qualquer outro cliente, que não tem direito de interferir na produção e na linha editorial do periódico. Diante de suas limitações, o jornal de interior é considerado um fiscalizador dos poderes político e administrativo (RIBEIRO, 2004, p. 6).

Christofolletti (2007) não vê a situação atual de forma tão otimista. Segundo ele, há muitos complicadores para o exercício da profissão de jornalista, e a pressão dos anunciantes é um deles. Por trabalhar com a informação, o jornalista tem em mãos o poder de formar a opinião pública. Assim, ele se torna peça estratégica no processo comunicativo, “O jornalista fica cercado por interesses diversos, e sofre pressões por isso, sejam elas vindas dos poderes político, econômico, religioso, cultural” (CHRISTOFOLETTI, 2007, p. 107). Essa situação é identificada nos veículos migueloestinos, já que todos eles admitiram ter sofrido pressões por parte dos anunciantes, principalmente de grandes empresas, Márcia Daniel revela que o Jornal Folha do Oeste já perdeu um grande anunciante por ter divulgado um fato que ia contra os interesses da empresa.

5 As abordagens opinativas

O jornal Gazeta Catarinense é o jornal que destina o maior espaço para o gênero opinativo nos veículos de comunicação de São Miguel do Oeste. São nove colunas, uma charge e um artigo científico. Como se percebe, as colunas são as manifestações opinativas mais presentes no Gazeta Catarinense. Apenas três colunas porém, são efetivamente opinativas: A coluna do Jaime Capra, ‘O Camaleão’ e a coluna de Roger Brunetto.

Jaime Capra, em sua coluna, explora temas de cunho político partidário, são críticas direcionadas principalmente à Administração Municipal de São Miguel do Oeste, bem como ao governo do Estado de Santa Catarina. Já na primeira edição analisada é possível perceber essa característica.

Discurso: Por outro lado, os três discursos do prefeito [João] Valar (Cefet, Bairro Agostini e Bandeirante), trouxeram além dos números sempre presentes, um componente até então desconhecido. A retumbância e agressividade transformaram os ouvintes em caixas de ressonância. Deixou a linha “soft”, defensiva e numerológica, e partiu para o ataque. Não foi possível identificar as razões da mudança no tom. Ficou na dúvida se teve como escopo a defesa do governador ou se quis aparecer e impressionar a comitiva toda. É certo que não foi a largada para a campanha que se avizinha, pois os candidatos ainda não estão postos e as dúvidas persistem (JORNAL GAZETA CATARINENSE, 05/03/2008, p. 2).

Outro espaço também destinado às questões políticas é a coluna ‘O Camaleão’⁸. Esta, por sua vez, não é assinada. Os temas mais abordados na coluna ‘O Camaleão’ são de cunho político e a exemplo de muitas matérias, estão geralmente relacionados a fontes oficiais. Caracteriza-se por ter também posicionamentos mais críticos. Tomemos um trecho da coluna como exemplo.

Prefeitura não se manifesta I: Desde terça-feira a equipe do Gazeta Catarinense tenta sem sucesso obter da administração municipal um posicionamento sobre o bloqueio das contas bancárias do município pela justiça. Ninguém fala. O assunto, pelo que dizem os secretários procurados, está com assessoria jurídica, onde também ninguém foi encontrado. Aliás, a assessoria jurídica é o setor da prefeitura que mais mal atende a imprensa. Por várias vezes, repórteres foram tratadas a patadas numa total falta de cortesia (O CAMALEÃO, GAZETA CATARINENSE, 07/03/2008, p. 2).

A terceira coluna que possui conteúdo opinativo é a de Roger Brunetto. Esta, por sua vez, possui certa peculiaridade em relação às outras, ela mistura características de uma coluna opinativa e de uma coluna social. Isso se deve a presença de fotos de

⁸

A coluna O Camaleão atualmente é assinada pelo editor chefe Edson Fuhrmann.

figuras emergentes da sociedade migueloestina. Brunetto revela que já tentou tirar as fotos da coluna, mas tal atitude tornou-se inviável, pois se fizesse isso, iria perder três anunciantes. Segundo ele, por mais que a população não admita, ela gosta de fotos e de fofocas. Por isso que, muitas vezes, assuntos vão para as páginas do jornal pela vontade do leitor e não do autor. Brunetto admite que o fator comercial tem poder de influência sobre a coluna. Muitas vezes é preciso se calar diante de um assunto ou, pelo menos, abordá-lo de forma mais amena. Ele afirma que se fizesse uma coluna como ele gostaria, talvez o seu primeiro empecilho seria a empresa jornalística, depois viriam os anunciantes. Trata-se de uma questão de sobrevivência adequar-se ao que o lado comercial exige. De acordo com Roger Brunetto, esse é um dos maiores problemas que envolvem as cidades pequenas. É preciso fazer uma coluna mais *'light'* para que ela sobreviva.

Mesmo gostando de temas mais polêmicos, o colunista se vê obrigado a omitir determinadas situações que mereceriam ser abordadas e até mesmo elogiar empresas, confundindo publicidade com opinião.

É hoje: Para mostrar a coleção outono/inverno 'Forum' 'Triton' e 'Vide Bula' a Paloma oferece hoje aos clientes um coquetel da 9h às 20h.

Eles merecem: Elogiar diretoria, equipe técnica e jogadores da Unoesc/São Miguel pela conquista do bicampeonato da Copa Santa Catarina seria 'chover no molhado'. Isso todo mundo já fez. Por isso quero enaltecer a torcida migueloestina que lotou o ginásio do Guarani. Fez festa, sem abusar. É exemplo para todo o Estado. Destaco, ainda, o papel da Unoesc que há muito tempo patrocina nosso futebol de salão (GAZETA CATARINENSE, 30/04/2008).

A charge, presente em todas as edições, na maioria das vezes aborda temas de nível nacional, como combate a dengue, futebol, salário mínimo, relações internacionais, páscoa, aumentos no preço dos alimentos, além do Caso Isabela. Nas vezes em que trata de temas regionais retratou enchente e estiagem no oeste, brincagem de bovinos, roubo de fios de cobre e interdição da cripta da Igreja Matriz em São Miguel do Oeste.

No jornal Folha do Oeste, o espaço destinado ao jornalismo opinativo diminuiu significativamente, ele possui apenas duas colunas e uma charge, que aparece somente na edição do sábado. O fato de o espaço destinado ser restrito é segundo Márcia Daniel, a linha editorial do jornal. Uma das colunas é educacional, não contendo nenhum tipo de opinião, a outra é escrita pelo governador do estado de Santa Catarina e, ao contrário do que se pode pensar, não trata de assuntos de cunho político, os temas são mais



relacionados à cultura e as artes, história, política internacional. Apenas uma vez Luiz Henrique da Silveira utilizou-se da coluna para sua defesa pessoal.

A charge está presente apenas na edição que circula aos sábados, e traz temas de cunho nacional. O tema mais abordado foi o campeonato gaúcho, as charges acompanharam todo o desenvolvimento da competição a partir de dois times: Internacional e Grêmio.

Duas páginas no Caderno de Variedades. Este é o espaço destinado à opinião no Jornal Regional. Uma ocupada pela coluna Bastidores, assinada por Márcio Rodrigo Pinto, e outra página pela coluna Ponto de Vista, que por sua vez não é assinada. A primeira é composta por informações mais superficiais, não tendo como prioridade a emissão de opiniões. A segunda, por sua vez, é um pouco mais opinativa que a citada anteriormente, mas figura também como um espaço para divulgação de eventos e a promoção de determinadas empresas.

Teste aprovado: Toda vez que São Miguel organiza uma feira/exposição, o que mais ouvimos é que o município não comporta grandes shows. Sei que qualquer mega evento, tem seu sucesso ligado a vários fatores. Mas a GDO Produções mostrou que a coisa não é bem assim. Com muito arrojo e organização, arriscou trazer para a principal cidade do Extremo-Oeste, por conta e risco um dos maiores espetáculos da atualidade no país. O sucesso foi estrondoso. Justifica-se, portanto, a felicidade do empresário Lauri Schoenherr. “Minha cidade hoje ficou com cara de cidade grande”, descrevia, enquanto circulava pela ala vip brindando a todos com uma taça de espumante (PONTO DE VISTA, 29/03/2008).

O Jornal Imagem é o único veículo de comunicação da cidade de São Miguel do Oeste que tem o editorial identificado em suas páginas. Porém, os assuntos abordados, na sua grande maioria, são de ordem nacional, o que supõe certo receio da imprensa migueloestina em lidar, e principalmente se posicionar, sobre um assunto de ordem local. A maior proximidade com a realidade regional acontece quando é feita uma comparação entre a realidade nacional e a local, mesmo assim, isso acontece de maneira muito superficial. Um caso que podemos citar, é o exemplar datado de 16 de abril de 2008, cujo título do editorial é *A falcatrua dos concursos*. O texto tem relação com as fraudes ocorridas em concursos públicos no Estado do Rio Grande do Sul. A relação com a realidade acontece apenas quando, no final do texto, aparece a seguinte observação “E se os concursos daqui fossem investigados? Muita gente perderia o sono com certeza”. Outra peculiaridade do Editorial é que ele não é escrito por um funcionário do Jornal, mas por um colaborador, Lotário Staub, irmão do diretor-geral do



jornal e presidente da Cooperativa Educacional de Santa Catarina (Coesc), que está diretamente ligada ao jornal. O espaço opinativo se restringe ao Editorial e à coluna 'Boca no Trombone' que é assinada pelo atual diretor do jornal, Euclides Staub. A coluna segue a mesma linha do Editorial, sem críticas contundentes e abordando assuntos de nível estadual e nacional.

O 'Comentário do Dia' é o único espaço específico e identificado como divulgação de opinião no rádio migueloestino. Ele acontece todos os dias, antes do radiojornal Chamada Geral, produzido pelo Sistema 103 de Rádios. O comentarista Luiz Cláudio Carpes afirma ter liberdade para tratar sobre qualquer assunto, porém admite que há um certo cuidado com os anunciantes. Outra preocupação, segundo ele, é atender as necessidades da população.

Apesar de ser veiculado no início do Chamada Geral, o tema do comentário nada tem a ver com a pauta do noticiário. A escolha dos assuntos é feita de maneira simples e aberta, onde todas as pessoas da equipe da emissora tem o direito de sugerir uma pauta. O que se pode perceber é que os assuntos mais abordados são violência no trânsito, conservação de rodovias e segurança pública. A população, de acordo com Carpes, prefere temas mais polêmicos e ele mesmo admite gostar disso, mas acaba assumindo uma postura um pouco mais amena, pois se todos os dias ele polemizar os assuntos, o comentário acaba tomando um tom agressivo e não é esse o objetivo do comentário.

Já na Rede Peperi de Comunicação não há qualquer espaço que se destine à opinião. Conforme Ageu Vieira, chefe de jornalismo da Rede Peperi, a emissora optou por não abrir espaço para o jornalismo opinativo por não ter pessoas devidamente qualificadas para isso. Entretanto, a falta de um espaço específico para a emissão de opiniões não significa que elas não aconteçam. As manifestações opinativas ocorrem, na maioria das vezes, sem terem sido planejadas com antecedência.

Vieira classifica como exceções à regra os momentos em que ele e o apresentador Roger Moura emitem opiniões sobre algum tema, salientando que tais momentos não deveriam acontecer, mas a situação foge do controle. As 'exceções à regra' acontecem quando o assunto é de nível público e que na visão da emissora está sendo entendida de maneira equivocada, aí então é feita uma pequena correção do ponto de vista da Rede Peperi. Os comentários acontecem durante a programação matutina da Rádio Peperi AM 1370, sem ter um momento específico estabelecido, aparecem dias sim, dias não e decorrem de alguma notícia já divulgada pela emissora.

Entre todos os veículos de comunicação pesquisados, um dos fatores que mais nos chamou a atenção foi que nenhum deles possui espaço destinado para as cartas dos leitores/ouvintes. Podemos assim afirmar, segundo a visão de José Marques de Melo, que este é um dos indícios de que a democratização da comunicação não se realiza nesses veículos, pois trata-se do único espaço que dispõe o leitor/ouvinte para manifestar sua opinião e reivindicar por melhorias, manifestando-se cultural ou emocionalmente.

Todos os entrevistados admitiram que a população envia cartas, mais frequentemente emails, para as redações. Os jornais justificam a ausência de um espaço para a divulgação dessas opiniões alegando que se tornaria muito oneroso para os jornais impressos, e como não há uma constância no envio de cartas/emails o espaço tornar-se-ia frágil, prejudicando os jornal e os anunciantes. Outro fator destacado é sobre o que as pessoas escrevem, os veículos tem receio de se complicar judicialmente. Márcia Daniel, do Jornal Folha do Oeste, afirma que em alguns períodos críticos, como em época de eleição seria caótico divulgar as cartas dos leitores, pois as pessoas não saberiam entender os cortes e divulgá-las implicaria em questões judiciais. Ela ainda destaca que, em veículos maiores, é mais fácil administrar essa questão, pois se está mais distante do público, o que dificulta a cobrança por parte do leitor. “Aqui não. Eles sabem o meu nome, batem na porta da minha casa para reclamar.”

6 CONSIDERAÇÕES

Este estudo foi motivado pelo desejo de descobrir até que ponto a imprensa regional tenta persuadir o leitor emitindo suas próprias opiniões, assumindo-se como um agente formador da opinião pública, além de observar qual a relevância dada ao jornalismo opinativo em cada veículo de comunicação migueloestino. A intenção não foi a de propor temas ou mudanças, mas apenas observar quais as temáticas mais presentes e qual a ligação delas com a realidade regional, a fim de verificar se a descentralização da mídia para o interior significou efetivamente maior democratização da informação.

O primeiro fator que nos chamou a atenção foi o oficialismo presente nos veículos de comunicação, já que a maioria das notícias são provindas de fontes oficiais. Mais surpresa ainda foi o fato de que tal realidade não se restringe a um determinado veículo mas a todos eles. As opiniões, conseqüentemente, acabam tendo menos espaço, e acaba-se por veicular-se apenas o discurso oficial. O que pudemos perceber é um certo



receio da mídia em se posicionar perante o público. A situação pode ser bem identificada pela presença de editorial em apenas um jornal impresso e, ainda assim, tratando superficialmente temas de cunho nacional.

A forma de divulgação de opiniões mais utilizadas são as colunas que tratam de assuntos diversos, como se fossem pílulas de informação. Algumas com tom mais ameno, outras mais críticas, estas geralmente com temas relacionados à política. O receio em opinar pode ser percebido claramente na fala de cada um dos entrevistados, pois eles preferem não polemizar muito os temas, afim de não terem complicações futuras. Se nos jornais o espaço destinado à opinião é restrito, no meio radiofônico a situação é ainda mais crítica. A opinião é divulgada apenas a partir de comentários e mesmo assim acontecem de maneira informal.

Dessa forma, podemos considerar que o 'jornalismo opinativo' ainda é encarado com certo receio pelos veículos de comunicação de São Miguel do Oeste. Devido ao oficialismo que permanece nas páginas dos jornais, e na programação radiofônica, os veículos parecem direcionados para as fontes e não propriamente aos leitores/ouvintes. A opinião é restrita e muitas vezes trata apenas de temas nacionais. Há certo receio quanto a temas regionais, o que acaba por sugerir certa dificuldade em assumir qualquer postura, principalmente se tiver cunho político-partidário.

Referências Bibliográficas

- AMARAL, Luiz Gustavo. **A objetividade jornalística**. Porto Alegre: Sagra – D.C. Luzzatto, 1996. 98 p.
- BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual de radiojornalismo: produção, ética e internet**. 2. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Campus, 2004. 239 p.
- CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Monitores da mídia: como o jornalismo catarinense percebe seus deslizes éticos**. Florianópolis: Editora UFSC, 2007. 148p.
- FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001. 375 p.
- LUSTOSA, Elcias. **O texto da notícia**. Brasília: UNB, 1996. 192 p.
- MANUAL da redação: Folha de São Paulo. São Paulo: Publifolha, 2007. 391 p.
- MARTINS, Francisco Menezes (org.). **Comunicação: o social e o poder, a cultura, complexidade e tolerância**. Porto Alegre: EDIPURS. 2003. 264 p.
- MEDINA, Cremilda de Araújo. **Notícia - um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1988. 188 p.
- MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis, RJ. Vozes, 1994. 208p.
- MELO, José Marques de. **Gêneros jornalísticos na Folha de São Paulo**. José Marques de Mello. São Paulo: FTD, 1987. 128p.
- MELO, José Marques de. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Mantiqueira, 2003. 238 p.



- NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. São Paulo: Contexto, 2003. 174 p.
- PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. **A apuração do notícia: métodos de investigação na imprensa**.
- PORCHAT, Marisa Elisa. **Manual de radiojornalismo Jovem Pan**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2004. 205 p. (Série Fundamentos; v.65)
- RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo Guimarães. **Dicionário de comunicação**: Nova edição revista e atualizada. 3ª edição. Rio de Janeiro, 2001.
- RAMONET, Ignácio. **A tirania da comunicação**. Rio de Janeiro: Vozes. 2007. 140 p.
- RIBEIRO, Juliana Colussi. **Da política ao debate: jornalismo regional e espaço público**. 2004. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/ribeiro-juliana-da-politica-ao-debate.pdf>>. Acesso em 15 ago. 2008.
- TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo, RS: UNISINOS, 2003, 220 p.